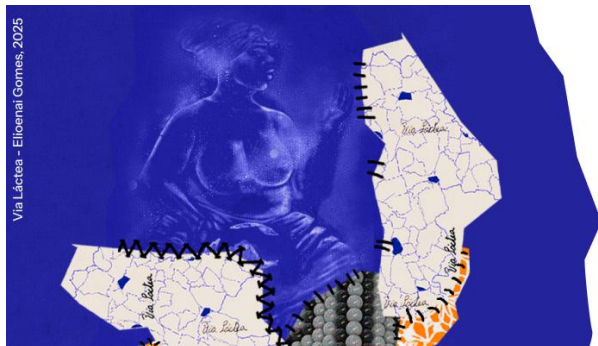




“MEU” BAIRRO, “MINHA” CIDADE, “MINHA” FAVELA, “MEU”...?

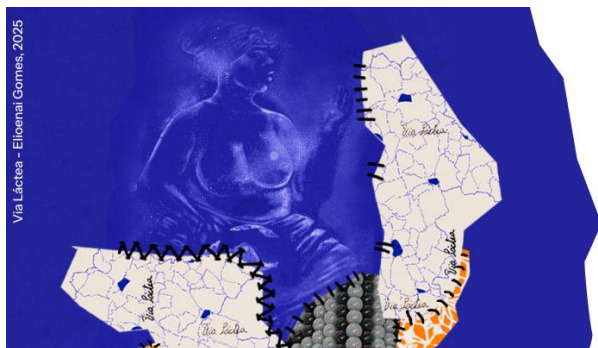
Antônio Luiz da Silva Filho¹ – UFPA

Este texto apresenta uma experiência de ensino-aprendizagem centrada na cidade de Belém-PA e na relação de pertencimento que os estudantes constroem com ela. A proposta pedagógica foi desenvolvida por meio da criação de um mapa artístico coletivo da cidade de Belém, elaborado durante o 1º semestre letivo do ano de 2025, nas aulas da disciplina Arte/Artes Visuais, com os discentes de quatro turmas do 5º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima 1, localizada no município de Belém-PA.

Esta foi a primeira aula de um conjunto de ações educativas que integram a pesquisa do meu mestrado profissional em Artes (Prof-Artes/PPGArtes/UFPA). O projeto tem como objetivo estabelecer um diálogo entre o ensino das Artes Visuais e o Patrimônio Cultural do Centro Histórico de Belém (PA). A proposta busca estimular, nos estudantes, a evocação de memórias relacionadas aos valores simbólicos desses bens culturais, promovendo reflexões sobre identidade e pertencimento ao patrimônio local.

Segundo Santos (2013), compreender o conceito de patrimônio envolve reconhecer que ele ultrapassa a dimensão de objetos ou espaços físicos. Trata-se também dos valores culturais, históricos, afetivos e sociais que uma comunidade atribui a esses bens. Valorizar e preservar essa herança é essencial para fortalecer a identidade coletiva, manter viva a memória social e assegurar sua continuidade para as próximas gerações. “É um olhar para dentro: primeiro para dentro de nós, depois para dentro de casa, do jardim, do quintal, do bairro, da cidade e, finalmente, da região e do país.” (SANTOS, 2013, p. 12)

¹ Mestrando em Artes pelo Prof-Artes/PPGArtes/UFPA, professor de Artes Visuais na SEDUC-PA e artista visual. E-mail: tonnyfilho.2008@gmail.com.

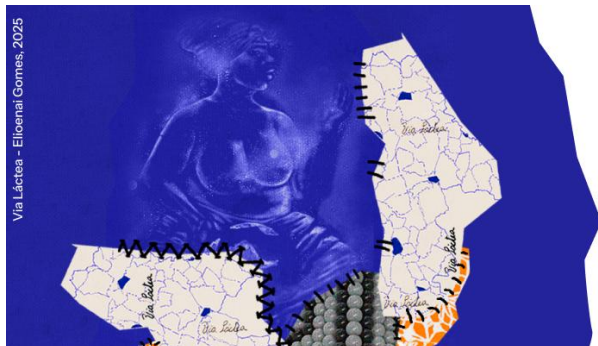


Durante a elaboração dos planos de aula, me baseei em um dado obtido por meio de rodas de conversa realizadas em sala com os discentes, o qual também fundamentou o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa de mestrado. Esse dado revelou que os estudantes não criam memórias significativas com o centro histórico da cidade, uma vez que suas vivências cotidianas, laços afetivos e senso de pertencimento estão mais associados a outras regiões urbanas, mais próximas de sua realidade. Assim, o centro histórico surge como um espaço distante, pouco integrado à construção de suas identidades e lembranças. Portanto, quais as memórias e identidades a serem ativadas e como se trabalhar, através do ensino de Arte, para ativá-las?

Ao pensar sobre a prática pedagógica artística a ser desenvolvida na atividade, recorri à perspectiva de Barbosa (1984), que destaca o estudo da interdisciplinaridade como uma abordagem pedagógica relevante no ensino da arte. Essa perspectiva permite a construção de currículos e práticas educativas alinhadas às tendências contemporâneas da arte, as quais rompem fronteiras entre linguagens visuais, corporais e sonoras. Segundo Ana Mae Barbosa, “[...] pelo isomorfismo organizacional, a interdisciplinaridade deve ser o meio através do qual se elaborem os currículos e a práxis pedagógica da arte.” (BARBOSA, 1984, p. 68)

Sendo assim, a metodologia utilizada para o desenvolvimento das ações educativas da pesquisa está envolta em despertar as noções de memória, identidade e pertencimento nos estudantes. Para tanto, desenvolvemos um mapa coletivo, assim trabalhando, através da interdisciplinaridade com Geografia, os conceitos de mapas e representações gráficas e divisão administrativa das cidades e na prática artística amparado na tríade do “Ler, Contextualizar e Fazer” de Ana Mae Barbosa.

O título da atividade “Meu” Bairro, “Minha” Cidade, “Minha” Favela, “Meu”...? remete a uma obra poética minha, criada em 2014 e premiada no XIV Salão Municipal de Artes Plásticas de João Pessoa-PB, que aborda o pertencimento urbano (Figura 1). Ela foi usada na leitura crítica de obras de arte, junto com a obra *Jerry's Maps*



(1963/1983), de Jerry Gretzinger, um mapa imaginário formado por mais de 4.000 painéis de 20x25cm. Ambas exploram a cartografia como linguagem poética.

Figura 1 – “Meu” Bairro, “Minha” Cidade, “Minha” Favela, “Meu”...?, 2014, Antônio Filho



Fonte: O autor.

Durante a contextualização, exploramos os bairros de cada participante. Para isso, projetei um mapa da cidade de Belém-PA e propus que cada um se localizasse, identificando seu bairro e o trajeto até a escola. Ao longo dessa atividade, fomos analisando o mapa e resgatando as paisagens cotidianas que fazem parte da vivência de cada um. O objetivo foi estimular memórias afetivas, fortalecer o vínculo com o território e despertar o sentimento de identidade e pertencimento ao lugar onde vivem.

Outro aspecto importante da contextualização foi a apresentação de imagens acompanhada do relato histórico do bairro onde a escola está localizada. Essa abordagem permitiu explorar as mudanças ocorridas na paisagem urbana ao longo do tempo, promovendo uma perspectiva transdisciplinar que integrou temas relacionados à preservação ambiental e à valorização da memória local.

A atividade resultou na criação de uma *assemblagem* de um mapa coletivo da cidade de Belém-PA, composto por 157 partes, cada uma medindo 29,7x21cm. Juntas, essas peças formaram um grande painel de 297x546cm, instalado na parede do corredor de entrada da escola (Figura 2).

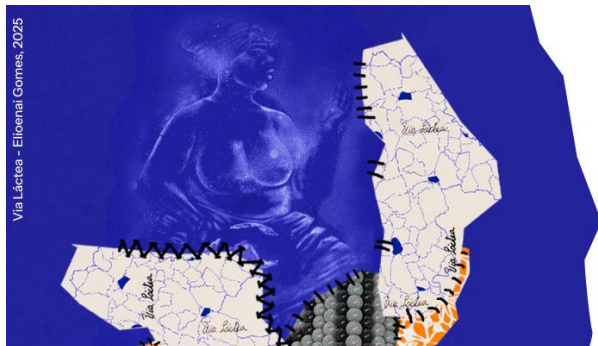
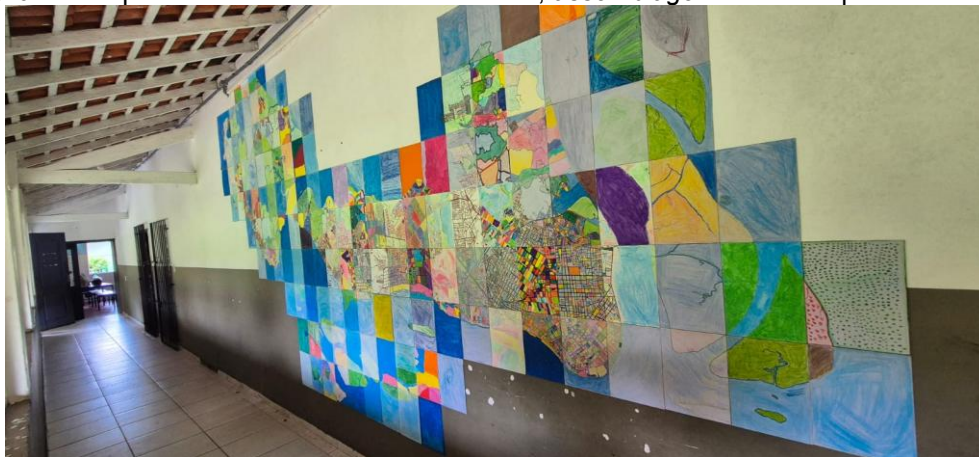


Figura 2 – Mapa coletivo da cidade de Belém-PA, *assemblagem* realizada pelos estudantes

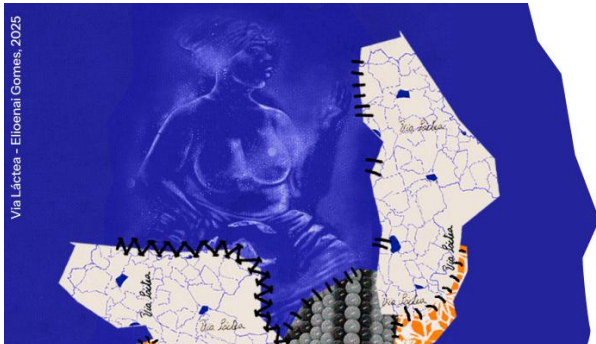


Fonte: O autor.

A intervenção artística foi livre, permitindo que cada participante expressasse sua criatividade. Para isso, disponibilizei uma variedade de materiais, como tintas, pincéis, canetinhas coloridas, lápis de cor, giz de cera e canetas Posca. A única orientação dada foi preservar o desenho original do mapa, evitando que fosse apagado durante as intervenções.

Depois da montagem do mapa no corredor da escola, iniciamos a leitura da obra criada pelos discentes. Nesse momento, cada um reconheceu as partes do mapa que havia produzido, o que permitiu uma compreensão mais profunda do processo de construção, exposição e apreciação coletiva da obra. Em seguida, realizamos um exercício de localização: identificamos onde estávamos no mapa (a escola) e, a partir daí, setorizamos os bairros ao redor e os que eles residem. Apresentei então a distância entre a escola e o centro histórico, destacando seus equipamentos culturais, que serão visitados na quarta aula do projeto, nossa aula-passeio.

Após a apreciação do mapa coletivo de Belém, propus a realização de uma pesquisa com os pais sobre o bairro em que cada um residia, na qual eles deveriam destacar o local que mais gostam nos seus bairros, para, em seguida, produzirem desenhos sobre estes lugares. Os locais foram os mais variados, indo de praças e parques florestais a campos e estádios de futebol. Os estudantes expressaram opiniões que revelam o impacto da proposta sobre suas percepções de pertencimento e identidade urbana. Muitos destacaram como o exercício os fez enxergar a cidade



com novos olhos, valorizando espaços antes ignorados e reconhecendo trajetórias pessoais como parte de um tecido coletivo.

As discussões em sala, mediadas pela escuta ativa dos docentes e pelas produções dos desenhos, geraram a construção de cartografias afetivas que permitiram que os estudantes compartilhassem memórias, afetos e críticas, revelando tensões entre o privado e o público, o individual e o colaborativo. Alguns relataram surpresa ao perceberem que seus pontos de referência não eram comuns a todos, o que gerou reflexões sobre diversidade e desigualdade espacial. Outros enfatizaram o prazer de construir algo em grupo, sentindo-se parte de uma obra que representa múltiplas vozes, assim como é a cidade. Essas interpretações evidenciam como a experiência foi apropriada pelos estudantes, reforçando o valor da mediação pedagógica e da arte como ferramenta de leitura crítica do território.

Ao término da atividade, foi possível perceber, por meio das rodas de conversa realizadas ao longo do processo de ensino-aprendizagem, que a ação educativa alcançou seu propósito: despertar nos estudantes um olhar sensível para suas memórias, afetos e para as noções de identidade e pertencimento. Inicialmente, esse reconhecimento surgiu a partir de suas vivências pessoais, tendo como referências a casa, o jardim, o quintal, o bairro e a cidade. Com o avanço do projeto, a intenção é que os participantes possam ampliar essa compreensão, conectando essas experiências locais a uma visão mais abrangente da região e do país.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação**: conflitos e acertos. São Paulo: Max Limonad Ltda., 1984.

SANTOS, Nara Limeira F. Com quantas rimas se faz um patrimônio? In: TOLENTINO, Á. B. (org.). **Educação patrimonial**: educação, memórias e identidades. João Pessoa: Iphan, 2013. p. 10-20.